**Morbimortalidade por doença hemolítica do feto e do recém-nascido, entre 2009 e 2019, no Brasil**

Ana Luísa Peres Barbosa¹\*; Laryssa Simões de Lima Assis¹; Laura Araújo de Carvalho¹; Filipe Teixeira Borges Neves¹; Bárbara Araújo de Carvalho²

1Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Escola de Ciências Médicas, Farmacêuticas e Biomédicas, Curso de Medicina – Goiânia – GO

\*Autor correspondente: analuperess@gmail.com

**Introdução:** A doença hemolítica do feto e do recém-nascido, decorre de uma incompatibilidade sanguínea entre a mãe e o feto, tal incompatibilidade tem como consequência a produção de anticorpos maternos específicos contra antígenos presentes na hemácia fetal. Os sistemas ABO e Rh, são responsáveis por 98% dos casos, enquanto 2% ocorre por anticorpos irregulares, o mais comum associado ao sistema Kell. O feto ou recém-nascido acometido podem vir a apresentar o quadro clínico típico da doença, anemia, insuficiência cardíaca, hematopoese extra medular e hidropsia. **Objetivos:** Analisar a morbimortalidade por doença hemolítica do feto e do recém-nascido no Brasil, segundo sexo, faixa etária e região. **Métodos:** Estudo epidemiológico descritivo, longitudinal e observacional. Os dados foram coletados no Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), referentes à doença hemolítica do feto e do recém-nascido, no período entre 2009 e 2019, levando em consideração número de internações, taxa de mortalidade, óbitos, sexo, faixa etária e região do Brasil. **Resultados:** Entre 2009 e 2019, foram registradas 27.605 internações por doença hemolítica do feto e do recém-nascido no Brasil, sendo que o ano de 2018 foi o que apresentou o maior número de internações (n= 3.490;12,64%) e o ano de 2009 (n= 179;0,6%) o menor número de internações. A região Sudeste foi a mais acometida, com 13.088 casos (47,4%), e a região Sul apresentou menor acometimento com 1.760 casos (6,4%). Nacionalmente, a maior prevalência de internações ocorreu no sexo masculino, sendo 50,1% (n= 13.822). Contudo, nas regiões Norte e Nordeste a prevalência foi maior no sexo feminino. A faixa etária mais acometida foi em menores de 1 ano, com 27.542 casos (99,7%). As regiões Norte (0,58%), Nordeste (0,42%) e Sudeste (0,42%) apresentaram taxas de mortalidade superiores a nacional (0,4%). No Brasil, os óbitos ocorreram apenas na faixa etária de menores de 1 ano, com 111 óbitos no total, e o sexo masculino foi o que apresentou maior taxa de mortalidade, com exceção nas regiões Sul e Centro-Oeste. **Conclusão:** A doença hemolítica do feto e do recém-nascido é um problema de saúde pública no Brasil, com uma alta taxa de incidência, indicando falha nos protocolos anti-RhD, no diagnóstico pré-natal. Assim, o estudo indica a necessidade de melhorar a assistência perinatal, priorizando a profilaxia, dadas as desigualdades regionais, econômicas e sociais existentes no país.

**Palavras-chave:** Doença Hemolítica; Epidemiologia; Brasil.

**REFERÊNCIAS**

ZUGAIB, Marcelo. Obstetrícia. 3a ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2016.

REZENDE,J. Obstetrícia. 11a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

MAGALHÃES, José Antônio et al. Doença hemolítica perinatal. In: MARTINS-COSTA, Sérgio.H. et al. Rotinas em Obstetrícia. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. Cap. 16.